

AS CONTRADIÇÕES ENTRE A ESCOLA ANALÓGICA E A SOCIEDADE DIGITAL

SILVA, Leandro Nunes – UNISO – leandro-nunes@uol.com.br

GT: Educação e Comunicação / n.16

Agência Financiadora: CAPES

O tema e sua atualidade

O cotidiano está repleto de Tecnologias Midiáticas e Digitais de Informação e Comunicação, a partir daqui TMDICs, que fazem percebermo-nos conectados e interconectados a uma rede global, testemunhando o domínio de um novo espaço – o ciberespaço. É de extrema relevância, com vistas pensar a formação dos educandos, analisar como as TMDICs atuam e transformam a sociedade cartesiana moderna em sociedade digital, e como a escola trabalha a tensão presente no cotidiano escolar, produzida pela dicotomia existente entre a educação formal e as TMDICs. Para tanto, trazemos, como referencial teórico, os estudos desenvolvidos pela pesquisadora Lucia Santaella (2004), pelo pesquisador canadense Derrick Kerchove (1997), bem como o dizer de Octávio Ianni (1998) sobre o amadurecimento cultural humano. No trazer para a educação essas contribuições, buscamos delinear a contradição existente entre o sujeito social moderno, visto sob a perspectiva da escola, e o sujeito social digital, resultado da presença das TMDICs no cotidiano.

O contexto social: Do Príncipe de Maquiavel ao Príncipe Eletrônico

As TMDICs são responsáveis pela formação da sociedade digital. Os sujeitos, que nesta sociedade vivem, têm suas práticas cotidianas alteradas no consciente e no subliminar a todo instante, pois são as informações veiculadas através da televisão, da internet, do celular, e de tantos outros meios de comunicação que ditam a forma como o sujeito deve orientar sua vida. Ianni (1998) nos lembra que nem sempre foi assim. A sociedade digital, regida conforme descreve Ianni (1998) pelo príncipe eletrônico, é resultado do amadurecimento cultural humano. Para o autor, tal amadurecimento se deu sob a regência de três príncipes: O Príncipe de Maquiavel, onde *o príncipe é uma pessoa, uma figura política, o líder ou condottiero, capaz de articular*

inteligentemente as suas qualidades de atuação e liderança (virtù) e as condições sócio-políticas (fortuna) nas quais deve atuar (p.1); o Príncipe de Gramsci, resultado da formação do intelectual orgânico onde [...], o moderno príncipe já não é uma pessoa, figura política, líder ou condottiero, visto como personificação, síntese e galvanização da Política, mas uma organização (p.3) e o Príncipe Eletrônico que, conforme define Ianni (p.5) não é nem condottiero nem partido político, mas realiza e ultrapassa os descortinos e as atividades dessas duas figuras clássicas da política. Para Ianni (1998) a globalização e os meios de comunicação, que passam a ser os formadores da consciência humana, definem o Príncipe Eletrônico.

Na sociedade digital, regida pelo Príncipe Eletrônico os conceitos de poder e disciplina desenvolvidos por Michael Foucault (2001), misturam-se e confundem-se com o conceito de controle delineado por Gilles Deleuze (1992). A autoridade, antes exercida por agentes humanos nas instituições disciplinadoras, cede lugar para o controle agora exercido pelas TMDICs. Dado ao sentimento de autonomia fornecido por tais agentes e a virtualização do sujeito, o processo mimético ao qual a escola esteve e está submetida, contradiz as práticas necessárias para a sociedade atual. Esta, como digital e regida pelo Príncipe Eletrônico, onde o espaço e o tempo cedem lugar à velocidade, não mais concebe relações de poder e práticas cartesianas.

O perfil cognitivo do sujeito: Das cabeças analógicas às cabeças digitais

As alterações que ocorrem nos comportamentos sociais estão diretamente ligadas às transformações nos comportamentos individuais. Essas metamorfoses podem ser desveladas se observamos as mudanças no perfil cognitivo do sujeito no decorrer do processo da evolução humana. Kerchove (1997, p.61) revela como o surgimento do alfabeto alterou a forma do sujeito entender e representar o mundo, pois através dele passou a existir a leitura do espaço e do tempo. Outra mudança no perfil cognitivo do sujeito ocorre a partir da era da comunicação impressa, com o surgimento da cultura livresca e a instauração obrigatória do silêncio nas bibliotecas universitárias da Idade Média Central. Conforme define Santaella (2004, p.24) *a leitura, que até então era realizada em voz alta e, geralmente, para o público, passa a ocorrer com um gesto de olho. O leitor contempla as páginas dos livros e medita sobre o que lê.* O perfil

cognitivo desse leitor, o leitor de livros, pode ser definido como Contemplativo/Meditativo.

No entanto, a partir da chamada era da comunicação em massa, com o surgimento do cinema e a TV, a leitura deixa de ser exclusividade do livro e o homem passa a mover-se entre o texto do livro e a imagem proporcionada pelo jornal ou apresentada na TV. Kenski (2006, p.20) nos demonstra com clareza esta mudança ao dizer que: *antigamente as pessoas saíam às ruas ou ficavam na janela de suas casas para se informarem sobre o que estava acontecendo na região e no mundo. [...] Na atualidade, a “janela é a tela”, pela televisão é possível saber tudo o que está acontecendo em todos os cantos.*

O movimento entre a leitura do texto e a leitura da imagem propiciou condições para que o sujeito Contemplativo/Meditativo se tornasse, conforme define Santaella (2004, p.31), em Movente/Fragmentado. Isto porque, *ao mover-se entre textos e imagens o leitor aprende a transitar entre linguagens, passando dos objetos aos signos, da imagem ao verbo, do som para a imagem com familiaridade imperceptível.*

O processo de mudança no perfil cognitivo do homem não significa a substituição da forma de compreender a realidade, através da leitura por outra, mas sim, a complexificação do homem em decorrência do amadurecimento cultural. Ao ler a imagem como imagem, ou, como define Kerchove (1995, p.47), *a ler subliminarmente*, os sujeitos criados na frente da TV:

[...] parecem não percorrer o texto com o movimento consecutivo do leitor treinado, mas sim “atirando” o olhar para a página como se transferisse sua estratégia visual da TV para o texto. Parecem dar “olhadelas rápidas”, por várias vezes, como se estivessem a reunir imagens para dar sentido a uma página.

Os fragmentos informacionais disponibilizados pela imagem tornam-se responsáveis por um sistema cultural que envolve uma dimensão simbólica, que compreende (re) construção, armazenamento, (re) produção e circulação de produtos repletos de sentidos, porque é a imagem enquanto imagem, que transita livremente no interior dos indivíduos e da sociedade.

Com a convergência da mídia e dos meios de comunicação, o texto e a imagem cedem lugar para dados e, por consequência, às TMDICs. Com isso, é criado um novo procedimento de leitura com a alteração do perfil cognitivo do sujeito, que tem à sua frente um mar de informações codificadas em 0 e 1 e, um território virtual que se define pela ausência de tempo e/ou espaço e pela aceleração contínua, crescente e instantânea da velocidade – o ciberespaço. Nesse lugar o leitor se vê obrigado, através de um terminal de conexão, como o computador ou um celular com acesso a rede mundial de informações, a mergulhar nos dados, exigindo que se leia não só de maneira contemplativa e/ou fragmentada, mas também, de forma digital ou de maneira *Imersiva/Virtual*. (SANTAELLA, 2004). Neste sentido, o leitor Imersivo/Virtual torna-se, como define Kerchove (1997, p.237), nômade telemático, estando *liberto dos constrangimentos de uma coincidência histórica entre espaço e tempo ganhando o poder de estar em todos os lugares sem sair do mesmo lugar*.

Entretanto, o sujeito digital aqui delineado busca sua formação educacional no espaço escolar onde a pouca velocidade exigida para a concretização de um raciocínio ao lado das múltiplas idéias concebidas instantaneamente nos permite colocar como hipótese a questão: as ações de alunos detentores de *cabeças digitais* (FREITAS, 2006), no ambiente escolar, ações tidas como indisciplina escolar, podem ser resultado da existência de pensamentos rizomáticos no qual estão imersas.

O cotidiano escolar: O analógico e o mimético

Com o surgimento da escrita os conhecimentos que até então eram circunscritos ao pensar dos mestres, acumuladores do saber humano, passaram a ser escritos. Tal tecnologia introduziu novos mecanismos no processo de ensino-aprendizagem, pois os discípulos já não precisavam confiar apenas na própria mente e na de seu mestre: O que precisava ser conhecido estava escrito. Com o surgimento da imprensa, a humanidade pode disseminar o conhecimento até então já produzido. A geração de várias cópias de um mesmo impresso, a partir de uma matriz, propiciou estar a mesma informação em diversos lugares ao mesmo tempo. Com a invenção da prensa mecânica surge o jornal, a primeira mídia capaz de abraçar uma enorme quantidade de pessoas ao mesmo tempo, noticiando fatos do cotidiano, revelando informações curtas e momentâneas. Neste período inicia-se um processo profundo na transformação do papel

do professor que, preso aos saberes fornecido pelas enciclopédias, precisava encontrar novas variantes para fazer funcionar o processo de ensino-aprendizagem.

Contudo o mimetismo no qual se realizou e ainda se realiza o processo de formação do professor traz, como consequência, a utilização de práticas desenvolvidas no início da modernidade, dissociando a evolução do processo educacional escolar da evolução das TMDICs. Freitas (2006, p.197) revela que para ocorrer a convergência das TMDICs e o processo educacional se faz necessária à criação de uma outra organização escolar:

A verdadeira integração do computador e da internet na realidade da escola supõe uma nova organização escolar mais descentrada, um currículo mais flexível, a instauração de novos tempos escolares, menos rígidos e programados, mudanças no próprio espaço da sala de aula. E isso não acontece do dia para o outro: requer tempo, ajudas específicas, incentivos, toda uma estrutura de apoio.

Os sujeitos que pensam digitalmente têm como capacidade, a imersão nos dados disponibilizados na sociedade real concreta e na sociedade real virtual. É por consequência que se forma e se revela a tensão existente no interior da escola que trata os alunos como os sujeitos que devem *aprender a conhecer, aprender a ser, aprender a fazer e aprender a viver* de forma dócil, disciplinada e controlada. Entretanto, os sujeitos digitais vivem para informações, para dados, para a imagem e, conseqüentemente, para a visibilidade. A escola, na sociedade digital, que têm alunos que pensam digitalmente, não percebeu que uma escola que não ensina como assistir à televisão, ou navegar no ciberespaço, por exemplo, é uma escola que não forma cidadãos para a recepção e utilização crítica das TMDICs. Esse fato é a maior contradição existente no sistema educacional, já que as novas gerações de alunos deixam a escola sem qualquer preparação para realizar, de forma reflexiva e crítica, as atividades às quais dedicam um maior número de horas: assistir à televisão, navegar na Internet, ou, até mesmo, brincar com jogos eletrônicos.

Referencias

DELEUZE, Gilles. (1992). *Conversações*. São Paulo: 34.

FOUCAULT, Michael. (2001). *Vigiar e Punir*. Rio de Janeiro: Vozes.

FREITAS, Maria T. A. (2006). *A internet na escola: desafio para a formação de professores*. In: COSTA, A. M. C. (Org.) *Cabeças Digitais – O cotidiano na era da informação*. Campinas: Loyola.

IANNI, Octavio. (1998). *O Príncipe Eletrônico*. Caxambu: XXI Encontro Anual da ANPOCS.

KENSKI, Vânia M. (2006). *Tecnologias e Ensino Presencial e a Distância*. São Paulo: Papyrus, 3. ed.

KERCHOVE, Derrick. (1997). *A Pele da cultura – Uma investigação sobre a nova realidade eletrônica*. Lisboa: Relógio D'água editores.

SANTAELLA, Lucia. (2004). *Navegar no Ciberespaço: O perfil cognitivo do leitor imersivo*. São Paulo: Paulus.